

## CANGA OU A CONDIÇÃO HUMANA

Jayme Paviani

Depois de *Ordenações* (1), *Canga* (2), de Carlos Nejar, sob o ponto de vista técnico da linguagem, revelando absoluto domínio no modo do dizer poético, com seus versos de ritmo lapidar perfeitamente ordenados na criação palavra-imagem-ideia, é seu melhor livro até o momento. Por que o melhor? Quando se lê *Ordenações*, e outros livros anteriores, se é espontaneamente levado a observar e analisar o processo de realização do poema, aliás, processo este bastante estudado pelos melhores críticos brasileiros da atualidade. A poética de Carlos Nejar alcançou a maioridade e possui características próprias, tão próprias quanto as características da poética de um Carlos Drummond de Andrade, de um João Cabral de Melo Neto e outros. *Canga*, já no primeiro contato, chama-nos atenção para uma nova face, pois nele encontramos uma densidade de conteúdo existencial, diria até, um certo sopro trágico. O próprio título da obra sugere opressão, domínio, finitude. Todos os homens precisam da canga para suspender os fardos da vida. Carlos Nejar atingiu com este livro o desejado equilíbrio entre a expressão e o exprimido ou a acessibilidade da obra que se dá como um todo. Não há o preconceito da forma ou do conteúdo, ambos são concêntricos. Por isso, *Canga* é o melhor livro até o momento, nele o novo verso guarda a poesia mais perene.

O livro *Canga* tem como subtítulo *Jesualdo Monte*. Divide-se em quatro partes: *Desembarque*, *Arreverso*, *Demarcação* e *Laura*. Os poemas guardam uma unidade tão grande entre si que é possível lê-los todos como se fossem um só poema. Trata-se aparentemente da biografia do peão Jesualdo Monte, todavia, não há interpretação mais errônea. Jesualdo Monte é "homem, com subterrâneos mares dentro do nome" (Visitante, pág. 6), e ele mesmo se apresenta ao poeta

"no alforje de um nome" (Alistamento, pág. 3). Este nome carregado de significações é Jesus. Jesualdo Monte ou um Jesus qualquer, antes de mais nada, é um trabalhador. Carlos Nejar mostra-nos nestes poemas o sentido da dor e do trabalho. Para o homem o trabalho é sua origem e seu destino:

"Não mudarás o mundo,  
serás dilacerado  
nos elxos que te giram  
carroças e caminhos.

Desdobrarás teu corpo  
na calça dos dias;  
não deterás o drama,  
deterás a espada" (O Mudável, pág. 9).

Jesualdo Monte poderá deter a espada, mas não seu próprio drama, sua herança. Ele foi

"marcado no torso,  
por um vento que não dorme" (Testemunho, pág. 8).

Jesualdo Monte, "trabalhador geral" é todos os homens. Não foi nenhum homem particular que desembarcou nas costas do canto de Carlos Nejar, mas o "povo caminhante" (Alistamento, pág. 3). *Canga*, como toda a grande poesia, exprime-se num tom de largueza e profundidade universal. Não há outras formas possíveis de universal senão através do particular. Jesualdo Monte ou a condição humana crescendo sempre, mesmo nos versos do mais límpido lirismo:

"Tua juventude,  
sem portão e sem balada,  
é uma floresta cortada"...

"Os animais te amavam,  
farejando-te ao solo;  
o cão mordía o sono,  
o rebanho sonhava" (Cultivo, págs. 6 e 7).

Porém, de repente, o poeta introduz sua tonalidade mais trágica quando no poema que dá o título ao livro, diz:

"Jesualdo Monte, não és homem,  
És um burro".

"É esta a condição de não ser homem" (págs. 15 e 16).

Os poemas da segunda parte da obra são o arreverso, o difícil da existência, a desumanização. O homem que não é um fato, mas por essência uma abertura de possibilidades, pode decidir-se contra si mesmo; contudo nada melhor do que a despersonalização para novamente conquistar-se:

"A liberdade é a findação do fardo" (Candeia, pág. 17).

A liberdade é uma candeia que ilumina os passos do homem. Depois do poeta insistir:

"Trabalhas, trabalhas,  
o sol nas espáduas,  
meu irmão,  
a miséria é tua renda  
e o monjolo,  
sem tempo de paixão,  
sem recompensa ou paga" (Trabalho, pág. 20), eis que

"Entre a loucura e seu transe,  
a liberdade se abre  
e neste ávido lance  
as asas se desemperram" (Interregno, pág. 21).

Na terceira parte do livro, Carlos Nejar continua traçando a demarcação ou os limites da condição humana: desespero, solidão, ódio, vingança, mas também esperança. Na verdade, não é possível dividir *Canga* em partes fixas, pois nada tem de didática sua poesia. Assemelha-se antes a um rio, fluir de aspectos em torno do mesmo tema. O poeta diz:

"O homem se equipara  
aos animais de ordenho" (Animais de Ordenho, pág. 26).

Ou ainda:

"O que tenho:  
desamparo e ferro.  
O ódio sempre novo,  
o pensamento velho;  
o ódio ressequido  
no bolso de meu terno" (O dono da terra, pág. 27).

Chega mesmo a afirmar através de versos-imagens de uma grande beleza:

"Se é por sustento forte,  
eu como a morte;  
vou acender uma bala,  
onde uma ave não voa".

"O sangue se faz garupa,  
a bala se torna ceia;  
se é por sustento forte,  
eu espero a vida" (Sustento Forte, págs. 27 e 28).

No entanto, sempre há um cântico de esperança na luta permanente do homem:

"Limarás tua esperança  
até que a mó se desgaste;  
mesmo sem mó, limarás;  
contra a sorte e o desespero.

Até que tudo te seja  
mais doloroso e profundo.  
Limarás sem mãos ou braços,  
com o coração resolutivo.  
Conhecerás a esperança  
após a morte de tudo" (Cântico, págs. 30 e 31).

Finalmente Jesualdo encontra-se diante da inexorável possibilidade da morte. O tempo e a morte.

"Aqui o tempo  
não pode ser concertado  
nas suas peças.

Aguardam, ao comprido,  
a côdea de sol  
que lhe resta".  
"A morte, sábia, remenda  
as suas rendas  
no pano do tempo..." (Do lugar, págs. 41 e 42).

Carlos Nejar reserva para a quarta parte do livro, onde o tema morte predomina, o significativo título de *Lisura*. A morte é um acontecimento natural. Nenhum desespero. Jesualdo Monte entra na morte como quem entra em casa

"desvestindo a carne,  
pondo teus chinelos  
e pijama velho".

"(...) Como alguém que parte  
para uma viagem:  
mas começa agora".

"Entras na morte,  
limpo  
de cuidados breves;  
como alguém que dorme  
na varanda enorme,  
entras na morte" (I, págs. 49 e 50).

Um superficial perpassar de olhos basta para se ter uma idéia do conteúdo existencial de *Carga*. A pungente densidade deste livro de Carlos Nejar o situa na melhor tradição dos grandes poemas da civilização ocidental. Uma expressão poética maior não pode resultar, se não há um conteúdo, de nenhum artifício encantatório. *Carga* é o livro mais simples de Carlos Nejar, e é exatamente na simplicidade que reina a perfeição. Não se sente como em alguns poemas anteriores certos vestígios de andalimes. Tudo nos é dado como por acréscimo em versos limpos e cheios de força.

(1) Carlos Nejar, *Ordenações*. Porto Alegre, Editora Globo, 1971.

(2) Carlos Nejar, *Canga*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S/A, 1971.